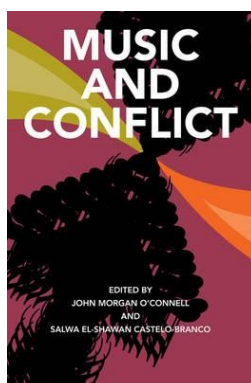


Resenha de livro

O'CONNELL, John Morgan; CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan. *Music and Conflict*. Urbana, Chicago e Springfield: University of Illinois Press, 2010.

Ana Flávia Miguel



“Music and Conflict” é um livro que analisa, do ponto de vista etnomusicológico, o papel da música na compreensão do conflito e na sua resolução. Editado pelos conceituados etnomusicólogos John Morgan O’Connell, leitor de Etnomusicologia e diretor do Programa de Pós-Graduação em Etnomusicologia da Universidade de Cardiff (País de Gales), e por Salwa El-Shawan Castelo-Branco, professora de Etnomusicologia e presidente do Instituto de Etnomusicologia na Universidade Nova de Lisboa (Portugal), a obra tem a carimbo da editora da Universidade de Illinois (EUA) e reúne reflexões de um conjunto de conceituados investigadores oriundos de diversos pontos do planeta.

A introdução “An ethnomusicological approach to Music and Conflict”, escrita por O’Connell, é construída a partir da análise do olhar Tolstoiano sobre o conflito em “Guerra e Paz”. É através de uma análise sobre a música, o conflito, a etnomusicologia e as relações entre as mesmas que o autor desenvolve esta reflexão. O carácter polissémico e a natureza paradoxal do conflito são apontados por O’Connell que considera o conceito teoricamente difícil de definir. Chama ainda a atenção para o facto de o debate académico sobre o tema raramente mostrar que a definição de conflito é relativa porque depende de fatores culturais e que necessita de uma análise etnográfica. É desta forma que o estudo do conflito em Etnomusicologia se apresenta como um valioso contributo neste domínio. Finalmente, esclarece que a obra está estruturada para realçar uma posição etnomusicológica com uma divisão em seis partes nas quais são analisadas distintas características da música e conflito em diferentes níveis e tipos de conflito.

A parte 1, intitulada “Music in War” é composta por dois artigos que abordam o papel da música na perpetuação e na resolução do conflito, a partir de conflitos em territórios europeus pós-soviéticos, no Kosovo e no Azerbaijão. Jane Sugarman, em “Kosova Calls for Peace: Song, Myth, and War in the Age of Global Media” analisa o papel que músicos e produtores musicais albaneses tiveram na diáspora albanesa, durante os conflitos militares no Kosovo. A autora conclui que “(...) music would seem to have far more effective in promoting the war in Kosova than it has been in promoting postwar peace” (Sugarman 2010: 40). No segundo artigo da primeira parte, “Musical Enactment of Conflict and Compromise in Azerbaijan”, Inna Naroditskaya debruça-se sobre um conflito étnico na região do Qaraba (região situada no centro do Azerbaijão) que envolve o Azerbaijão, a Arménia e a antiga União Soviética, a partir da análise de um evento musical como uma interpretação do conflito. Tal como Naroditskaya afirma, o “Mugham” representa nas três obras discutidas e analisadas neste artigo, a síntese da afirmação social Azeri e a dicotomia entre passado e presente, o global e o local que emergiram a partir do conflito de Qaraba e do conseqüente reconhecimento do Azerbaijão, “(...) essential to a nation’s identity” (Naroditskaya 2012: 63).

“Music across Boundaries” é o título da segunda parte deste livro na qual Keith Howard e David Cooper refletem sobre o poder da música para unir e para afastar territórios divididos em dois contextos pós-coloniais distintos. O primeiro refere-se à Coreia do Norte e Coreia do Sul. Em “Music across DMZ”, Howard questiona de que forma a música pode desempenhar um papel na reunificação pacífica na península da Coreia. Com uma contextualização inicial sobre a história da Coreia e da sua divisão em dois estados, em 1945, o artigo é desenvolvido a partir da análise de dois eventos performativos. O uso da sigla DMZ¹ no título deste artigo como símbolo de uma barreira teoricamente intransponível, acaba por ser desconstruído através da música que, segundo o autor, assume um papel de esperança e de um eventual acordo, aparentemente impossível, entre os dois estados. David Cooper escreve o segundo artigo desta secção, “Fife and Fiddle: Protestants and Traditional Music in Northern Ireland”, no qual aborda a música nas comunidades divididas na Irlanda do Norte e mostra como a música incita o conflito entre facções rivais. Com uma visão pouco confiante sobre o poder da música na promoção da paz, o autor apresenta uma pesquisa comparativa na qual analisa os repertórios de dois grupos de músicos, um grupo de músicos católicos e um grupo de músicos protestantes, que tal como Cooper afirma “(...) seem to have largely shared a common repertoire that incorporated material ostensibly from Irish and Scottish sources” (Cooper 2012: 103).

Anthony Seeger e Adelaida Reyes são os pesquisadores que contribuem para a terceira parte do “Music and Conflict”, denominada “Music after Displacement”, na qual investigam formas diferenciadas de usar a música em conflito em comunidades deslocadas. Seeger convida-nos a partilhar aspetos da sua pesquisa com os Índios Suyá, ao analisar a função da música na resolução de conflitos sobre a posse territorial, na região do Mato Grosso - Brasil. Com o olhar colocado na interseção do universo musical nas relações entre os Suyá e a sociedade brasileira, o investigador mostra como toda esta constelação de elementos é importante para equilibrar tensões étnicas e para promover o diálogo intercultural no que diz respeito às questões de desapropriação e migração forçada. Em “Assymetrical Relations: Conflict and Music as Human

¹ Zona Desmilitarizada. Na Coreia esta faixa de segurança tem aproximadamente quatro quilómetros de largura e duzentos e cinquenta quilómetros de comprimento.

Response”, a pesquisadora Adelaida Reyes debruça-se sobre a dinâmica social entre refugiados e entre refugiados e instituições (sendo esta última relação caracterizada por uma abismal assimetria de poder) para compreender o papel da música neste complexo sistema. Com um enfoque em refugiados sudaneses no Uganda e a partir do pressuposto de que “(...) the life-altering events surrounding forced migration and affecting whole culture groups inevitably find their way into expressive culture (...)” (Reyes 2010: 127) Reyes acredita que a música desempenha um papel relevante em situações como o conflito, na quais a liberdade de expressão pode ser colocada em causa. Este artigo constitui um valioso contributo para o estudo do papel da música e conflito, acrescentando que a música pode revelar ações surpreendentes de solidariedade entre inimigos ou pode potenciar o conflito entre aliados.

Na quarta parte deste volume, “Music and Ideology” é abordado o papel da música e ideologia em situações de conflito. Os investigadores William Beeman e Anne Rasmussen escrevem dois artigos que nos conduzem ao mundo islâmico e a questões como a censura musical. O primeiro autor mostra como no mundo persa grupos individuais negociam as fronteiras de proibição de práticas musicais através de valores religiosos. Neste artigo denominado “Music at the Margins: Performance and Ideology in the Persianate World”, Beeman descreve os estilos musicais que são aprovados ou não pela censura musical e as estratégias que produtores e consumidores musicais utilizam para validade determinadas “músicas”. A classificação da música como “não música”, com o objetivo de validar a sua performance, é uma das estratégias utilizadas nas práticas religiosas. Outros exemplos musicais relacionados com a censura são descritos, tais como a referência específica ao género musical *ta'ziyeh* que conseguiu sobreviver ao longo dos anos apesar de ser muitas vezes questionado. Beeman conclui com uma mensagem na qual a imprevisibilidade de alteração clara de opiniões, no que diz respeito às fronteiras de repressão, não parece alterar a criatividade de construção de estratégias alternativas para a efetivação da performance de determinados géneros musicais: “As islamic sensibilities continue to move in a more conservative direction, music in the Persianate world will certainly face more challenges in the future” (Beeman 2010: 152). Anne Rasmussen é a autora de “Performing Religious Politics: Islamic Musical Arts in Indonesia”, uma reflexão com enfoque em dois estilos musicais diferentes, na Indonésia, na qual mostra como cada um destes estilos representa uma conceção diferente da identidade indonésia. A relevância desta “dissonância ideológica” está no poder que ambas têm para atribuir significados distintos ao nível simbólico e prático.

O tema que dá título à quinta parte deste livro, “Music in Application” anuncia a mudança de paradigma no que diz respeito ao tipo de metodologia usada, a etnomusicologia aplicada. Em “Music in War, Music for Peace: Experiences in Applied Ethnomusicology”, Svanibor Pettan desenvolve o seu trabalho na antiga Jugoslávia e apresenta dois projetos, o projeto “Azra” e o projeto “Kosovo Roma”, moldados por práticas da etnomusicologia aplicada. Com a premissa de que o conhecimento deve ser usado pelo investigador para a melhoria da condição humana em contextos de guerra, o autor explica que os dois projetos partilham uma característica importante: “(...) both concern the consequences of the wars” (Pettan 2010: 191). O estudo que Britta Sweers apresenta aborda o uso da música contra o fascismo (criado por neonazis radicais) num conflito local na Alemanha. Com várias referências a Pettan, a autora afirma que a sucesso do trabalho aplicado depende e requer múltiplos níveis de envolvimento com as

comunidades, os media e as instituições de proveniência dos etnomusicólogos. A partilha da sua experiência de colaboração com organizações civis constitui um excelente ponto de partida para outros trabalhos semelhantes.

“Music as Conflict” intitula a última parte desta obra. O artigo “Sound Praxis: Music, Politics, and Violence in Brazil”, de Samuel Araújo e do grupo Musicultura revela e propõe uma abordagem distinta do estudo da música e violência bem como do estudo da música, da cultura e da sociedade em geral. O grupo Musicultura é um grupo constituído por jovens estudantes, moradores no conjunto de favelas da Maré, no Rio de Janeiro. Este local constitui, também, o universo de estudo dos pesquisadores/pesquisados que desde 2004 atuam em colaboração com o etnomusicólogo Samuel Araújo. A abordagem colaborativa e dialógica usada pelo grupo com base na pedagogia freiriana constituem os pilares fundamentais através dos quais os autores colocam em questão hierarquias estabelecidas e propõem uma produção do conhecimento partilhada com a comunidade, de que este artigo é um brilhante exemplo. É através desta proposta, que requiere um “engajamento político consciente”, que movimentos sociais poderão construir novos paradigmas do conhecimento que rompam radicalmente com os “(...) modes of «conventional» ethnography conducted in the colonial world” (Araújo 2010: 230). Com a mudança de foco para a América do Norte, Stephen Blum finaliza este conjunto de artigos com “Musical Enactment of Attitudes Toward Conflict in the United States”. O autor analisa obras de compositores afro-americanos para compreender o papel da música na identificação do conflito e na imaginação da resolução do conflito. A este respeito, mostra como obras musicais codificam diferenças culturais e como confrontando o conflito através da música, com o questionamento de relações dominantes de poder, os contextos musicais podem despontar uma ações políticas.

Por último, Salwa Castelo-Branco encerra esta obra com um epílogo em forma de alerta e de desafio: a necessidade de “(...) rethinking our research paradigms and the ways we conceive our mission as researchers, teachers, musicians, and critical citizens” (Castelo-Branco 2010: 252). Este desafio, que é simultaneamente otimista e motivador, encontra algumas respostas nos diversos textos que “Music and Conflict” nos oferece e que contribuem construtivamente para uma Etnomusicologia do conflito e sobretudo para uma Etnomusicologia do futuro, na qual o posicionamento e engajamento do investigador no conflito e na sua resolução pode desempenhar um papel fundamental.

Concluo com a certeza de que a escolha feita pelos editores deste livro vem ajudar a colmatar um domínio ainda pouco explorado nos estudos etnomusicológicos. A variedade de propostas, de enfoques, de olhares e de modos de ação apresentada refletem a complexidade do estudo etnomusicológico sobre a música e conflito mas também contribui brilhantemente para a construção de novas “(...) perspectives on the relationship between sound and society and a framework for the public engagement of ethnomusicologists in conflict resolution as mediators and advocates” (Castelo-Branco 2010: 252).